

[TRADUÇÃO]

Nietzsche. Ludo ergo sum vs. Cogito ergo sum?

Kamelia Zhabilova

Academia de Ciência da Bulgária

Tradução: *Stefan Vasilev Krastanov*

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

“Eu tenho um medo terrível de um dia ser declarado santo... Eu não quero ser um santo, eu prefiro ser um maganão... Talvez eu seja um maganão...”.
Nietzsche. Ecce Homo

Palavras introdutórias

O tema assim formulado pressupõe, mas também, requer alguns necessários esclarecimentos, cujo objetivo consiste em evitar possíveis confusões que podem surgir a partir do próprio título. Sem dúvida, o intuito deste título deveria expressar ou dizer em forma resumida a problemática que será tratada nesta pesquisa. Neste caso, porém, além do título ser formulado como pergunta, ele também é enganador. Como tal, espera-se que a pesquisa tenha como objetivo uma análise comparativa entre as concepções de Nietzsche e Descartes. Não que uma “releitura” desse tipo seja impossível, embora teria sido bastante produtiva. Todavia, a ambição deste trabalho consiste em reler Nietzsche através de uma compreendida “sistematicidade”, representada sob a forma de um jogo de aforismos aleatórios, fragmentos, etc. Justamente esse específico estilo de Nietzsche é problematizado como parte importante do seu projeto de “superação da metafísica”.

No presente texto, não teremos a intenção de discutir se Nietzsche teria superado a metafísica ou até que ponto essa estratégia de superação está presente como parte do seu projeto de “transvaloração dos valores”. A nossa intensão consiste em focar a sua crítica da metafísica em dois planos. Em primeiro momento, exporemos, de forma resumida, a sua concepção da linguagem e sua “função” no processo do conhecimento, tentando destacar o seu vínculo com a crítica da metafísica, tal como ela está fixada em seus textos de diferentes épocas. No segundo momento, ateremos a nossa atenção sobre o seu “experimento” com a língua, isto é, com as diferentes formas de expressão que ele utiliza ao longo da sua produção intelectual, que serão “decodificadas” não apenas como importantes pontos do seu projeto filosófico, mas também como parte principal da sua crítica da metafísica.

Este trabalho não pretende reconstituir o entendimento global de Nietzsche sobre a metafísica, nem responder por que a crítica está explícita em sua filosofia sob esta forma peculiar. Este é um outro tema, sem dúvida interessante e importante. Assim, a proposta de Nietzsche por “psicologia da metafísica”, que inclui tanto “o sentimento metafísico”, como também a tipologia da “necessidade metafísica”, criada, tanto através do estudo sobre as diferentes culturas, como também sobre história da filosofia, será objeto de uma outra pesquisa. Por isso, nessa etapa evitaremos comentários do tipo: “Nietzsche é último metafísico” ou “Nietzsche superou a metafísica” e analisaremos a sua crítica da metafísica apenas através da linguagem.

Na historiografia filosófica, que tem como base a herança filosófica de Nietzsche, independentemente dos interesses dos pesquisadores e intérpretes, um tema sempre vem à tona, o qual se resume no seguinte: a literariedade específica do seu discurso filosófico. Realmente, essa é a primeira impressão que salta aos olhos quando tomamos conhecimento das obras do filósofo alemão: a destacada literariedade dos seus textos, ricos de afirmações puramente filosóficas. Vale ressaltar que, parte da sua crítica sobre metafísica ocidental, se expressa não por meio de argumentos, um marco da filosofia clássica crítica, mas por meio de oposições valorativas, tais como: *força – fraqueza, saúde – doença, rebanho, multidão – solitário*, etc., etc., ou seja, noções que, além de permitirem uma livre interpretação, são carregadas por Nietzsche mais ainda com sentidos, que chegam ao ponto de não poderem se tomar a sério.

Ainda em seu trabalho juvenil – o ensaio “Sobre a verdade e mentira num sentido extra moral” (1873), Nietzsche problematiza, de acordo com suas palavras, “a legislação da língua”. Exatamente nesse texto, talvez, se possa descobrir o núcleo do seu “programa” de análise da relação *língua-pensamento-realidade*. Aqui surgem questões que serão permanentemente reiteradas durante a sua evolução intelectual – “Se a linguagem é a expressão adequada da realidade?”, “Há correspondência entre as coisas e seus significados?”, “Como se forma um determinado conceito?” etc. Aqui surge uma das definições mais provocativas sobre “O que é verdade?”, como também a análise sobre a função da metáfora. Nos escritos que se sucedem, Nietzsche vai aprofundar suas pesquisas sobre “natureza falsificadora” da linguagem, elaborando uma espécie de “mapeamento da filosofia” para peculiaridades gramaticais das diferentes línguas:

O curioso ar de família de todo o filosofar indiano, grego e alemão tem uma explicação simples. Onde há parentesco linguístico é inevitável, que graças à comum filosofia da gramática – quero dizer, graças ao domínio e direção

inconsciente das mesmas funções gramaticais –, tudo esteja predisposto para uma evolução e uma sequência similares dos sistemas filosóficos... Filósofos do âmbito linguístico uralo-altaico (onde a noção do sujeito teve o desenvolvimento mais precário) com toda a probabilidade olharão ‘para dentro do mundo’ de maneira diversa e se acharão em trilhas diferentes das dos indo-germanos ou muçulmanos: o encanto exercido por determinadas funções gramaticais é, em última instância, o encanto de condições raciais e juízos de valores *fisiológicos*.¹²¹

Mais ainda. Nessa “crítica linguística” e transvalorativa, estão submetidos não apenas o cogito cartesiano, como também a “superstição dos lógicos”. Conforme Nietzsche, Descartes tornou-se vítima da linguagem – “pensa-se: logo existe algo que pensa: nisso se resume a argumentação de Descartes... – porque quando pensam é necessário que haja algo, ‘que pensa’ isto é apenas uma formulação do nosso hábito gramatical, este que pressupõe sujeito para cada predicação”¹²². No que se refere à “superstição dos lógicos”, Nietzsche ressalta um “pequeno fato” – “um pensamento vem, quando ‘ele’ quer, e não quando ‘eu’ quero; e portanto é um exagero o fato por meio do qual se afirma: o sujeito ‘eu’ é condição do predicado ‘penso’. Pensa-se, mas o ‘se’ é justamente o antigo ‘eu’, ou, dito de outra maneira, uma pressuposição, afirmação, todavia, não uma veracidade imediata”. De acordo com o hábito gramatical aqui se faz a conclusão: “pensar é uma atividade, toda atividade requer um agente”¹²³.

É claro que esses argumentos podem ser considerados como mais um momento destrutivo em sua filosofia, mas também podemos compreendê-los como uma nova etapa da sua tese, com efeito, de que a linguagem e, sobretudo, a linguagem filosófica é inicialmente carregada justamente porque “pensamos somente em forma linguística e, por isso, acreditamos na “verdade eterna” da nossa razão (por exemplo, o sujeito, o predicado etc.). Interrompemos o pensamento, logo que nos recusamos a agir sob o ditado da língua... O pensamento racional é interpretação de acordo com um esquema, esta que não podemos rejeitar”¹²⁴. Daqui surgem as denúncias que Nietzsche faz aos filósofos e sua “falta de espiritualidade histórica” e “egipcismo”, que não lhes permite enxergar “a razão como metafísica linguística”.

Quereis que vos diga tudo que é peculiar aos filósofos?... Por exemplo, sua falta de sentido histórico, seu ódio à ideia do devir, seu egipcismo. Creem honrar uma coisa despojando-a de seu aspecto histórico, sub specie aeterni... quando fazem dela uma múmia. Tudo com que os filósofos se ocupam há milhares de anos são ideias – múmias; nada real saiu vivo de suas mãos¹²⁵.

¹²¹ NIETZSCHE, F. **Além do bem e do mal**. 2003, p. 20.

¹²² NIETZSCHE, F. **Vontade de poder**, p. 484.

¹²³ NIETZSCHE, F. **Além do bem e do mal**, 2003, p. 17.

¹²⁴ NIETZSCHE, F. **Vontade de poder**, p. 522 (Nota do tradutor).

¹²⁵ NIETZSCHE, F. **Crepúsculo dos ídolos: a razão na Filosofia**, p. 1.

Neste contexto, podemos já considerar, sob uma nova ótica, o “estilo peculiar” de Nietzsche, para além do frequentemente encontrado refrão dos pesquisadores, que soa mais como diagnose, que associa o *pathos* do seu estilo, seja com sua megalomania, seja com estado de *delirium*, ou, mais resumidamente falando, com sua, ainda não comprovada totalmente, doença.

Aqui vamos identificar a possibilidade para uma análise mais correta desse estilo peculiar. Até numa leitura superficial sobre os textos de Nietzsche, não se pode deixar sem nota aquela busca frenética do filósofo de revelar os “tópicos de expressão”, acompanhado pela experimentação de diferentes formas artísticas. Essa busca inicia-se com o estilo “pseudo narrativo” em *O nascimento da tragédia*, os longos ensaios de *Considerações extemporâneas*; busca, que passa pelas primeiras tentativas de um estilo aforístico em *Humano, demasiado humano*, estilo este que continua e se aperfeiçoa em *Aurora* e *Gaia ciência* para chegar o seu ápice em *Assim falou Zaratustra*, e, por fim, silenciar-se, no último possível topos do verbo – a escuridão paralítica do silêncio absoluto que durou cerca de 12 anos. Neste contexto, devem ser lembrados aqueles, até certo ponto marginais, “topos do seu pensamento”, tais como: a sua poesia, suas composições musicais, a sua correspondência, como também suas ainda não publicadas por completo anotações. Esse tipo de exposição permite aquele movimento da diversidade de “perspectivas” dos diferentes “regimes de leitura” e modelos de releitura que o acompanham, pelos quais o homem tem de passar se desejar compreender a realidade em sua efetivação e nuances. Por isso, as estranhas inversões do filósofo alemão não devem ser consideradas errôneas ou inconsistentes, mas, sobretudo, necessárias correções, transvalorações e tentativas de edificar novas interpretações, que, por sua vez, tenham a finalidade de atender o pensamento do momento, mas deixando sempre a possibilidade de, através de um novo vislumbamento, rejeitá-lo com correspondente paixão.

Assim também as máscaras de *palhaço*, *sátiro*, *anticristo*, *decadente*, *viajante*, *solitário*, *convalescente*, *espírito livre*, etc., que Nietzsche se coloca, como também a utilização de personagens conceituais¹²⁶, permitem a improvisação e a plena liberdade na

¹²⁶ Outra razão, que leva muitos pesquisadores a considerarem Nietzsche como poeta, mitólogo ou simplesmente como escritor que filosofa, não é somente a sua recusa total de utilizar conceitos, mas também, por causa das suas personagens – conceitos, tais como, como Dionísio, Zaratustra, Cristo, Sócrates entre outros. Segundo Giles Deleuze, cuja concepção seguimos, em Nietzsche podemos falar com toda certeza, por um lado, de criação e “utilização” de noções intensivas, tais como “forças”, “valores”, “devir”, “vida”, “consciência pesada”, etc., e por outro lado, justamente esses “heróis conceituais” podem ser considerados também como noções. No interior da filosofia nietzschiana, essas personagens-conceitos não são personificações míticas, nem personagens históricas ou literárias. Pois, como nota Deleuze, a diferença entre personagens – conceitos e personagens literárias consiste no fato de que os primeiros são conceitos forças, enquanto os outros – forças efetivas e

abordagem de cada tese; a análise do problema realiza-se através de todos os possíveis pontos de vista inclusive os contraditórios, criando, assim, um vasto diagrama de posições, que deixam sempre espaço aberto para o direito do contraditório, do diálogo, da polêmica. Por isso mesmo o contraditório, a autossuperação, o jogo, a dança e até a atuação de um “teatro das sombras”, em qual ecoam diferentes “vozes” e atuam diferentes “papeis” não são defeitos da filosofia nietzschiana, mas condições profundamente pensadas, que acompanham o processo do conhecimento.

Essa técnica de mascaramento, por meio da qual Nietzsche manobra e joga tanto com as verdades eternas, como também com suas próprias convicções, pluralizando cada uma das suas ideias, pode ser lida através do *perspectivismo*, considerado pelo filósofo alemão como “condição principal da vida”, e vinculado a esta o princípio da interpretação. Em sua obra *Para além do bem e do mal*, Nietzsche afirma que:

[...] se não existir vida, caso ela não se fundamente em valores e aparências de perspectivas, então, também o criador deve poder abranger a palette de todos os valores e sentimentos humanos e com novos olhos e juízos enxergar do alto todo vale, da profundeza todo fundo, do canto toda largura¹²⁷.

Dito de outro modo, o perspectivismo não é apenas base, categoria carregada com conotações positivas da teoria do conhecimento de Nietzsche, mas, também, ótica posta pela própria vida. Mais ainda. Podemos dizer que o estilo original e inimitável de Nietzsche é uma expressão peculiar e realização estética do seu entendimento de perspectivismo, ou seja, este não é apenas um experimento estético ousado, como também experimento com grande carga epistemológica, uma vez que a ótica dos múltiplos pontos de vista fornece a plenitude do conhecimento:

De agora em diante senhores filósofos, guardemo-nos bem contra a antiga, perigosa tábua conceitual que estabelece um ‘puro sujeito do conhecimento, isento de vontade, alheio à dor e ao tempo’, guardemo-nos dos tentáculos de conceitos contraditórios como ‘razão pura’, ‘espiritualidade absoluta’, ‘conhecimento em si’; – tudo isso pede que se imagine um olho que não pode absolutamente ser imaginado, um olho voltado para nenhuma direção, no qual forças ativas e interpretativas, as que fazem com que ver seja ver-algo, devem estar imobilizadas, ausentes; exige-se do olho, portanto, algo absurdo e sem sentido. Existe apenas uma visão perspectiva, apenas um conhecer perspectivo; e quanto mais afetos permitimos falar sobre uma coisa, quanto mais olhos, diferentes olhos, soubermos utilizar para essa coisa, tanto mais completo será nosso ‘conceito’ dela, nossa objetividade¹²⁸.

Por essa razão, Nietzsche aprova por completo essa intelectualidade ousada, esta que passa *presto* e ri na cara dos cientistas, para os quais o pensamento é um processo lento e

perceptivas. Enquanto uns operam sobre o plano de imanência, que é a imagem do Pensamento-Ser/ Noumeno, os outros – sobre o plano de composição como imagem do Universo/fenômeno/. (DELEUZE, G.; GUATARY, p. 109-110)

¹²⁷ NIETZSCHE, F. *Além do bem e mal*, p. 211. (Nota do tradutor)

¹²⁸ NIETZSCHE, F. *Genealogia da moral*, Terceira dissertação, p. 12.

duvidoso, algo como o tédio, mas nunca aquela atividade leve e despreendida, que se aproxima à dança em plena embriaguez; pensamento que deve ser expresso em um só fôlego, para se lembrar tal como era quando “corria” ao encontro do filósofo, com passos de dança. Neste contexto, a “problemática linguística” não está presente, em Nietzsche, apenas sob a forma de teoria, mas também pode ser descoberta em suas próprias “práticas verbais”.¹²⁹

Em vez de conclusão: Nietzsche para todos e para ninguém

Neste caso utilizamos “em vez de conclusão”, uma vez que o tema Nietzsche pressupõe um *fim aberto*. As razões para tal são várias. A primeira está imposta pelo próprio filósofo. Durante toda a sua vida, ele busca não tanto companheiros, mas interlocutores e oponentes, que é projetado, como exigência, para seus futuros leitores¹³⁰

Por um lado, os textos deste *enfant terrible* da filosofia europeia conduzem para um diálogo infinito, mesmo que indireto, como também diferentes métodos de pesquisa aplicados às suas ideias. E como se observa uma tendência de “domesticação” e “reabilitação” da sua obra filosófica, que sofre dos mesmos defeitos como as velhas “releituras”, que em sua grande maioria podem ser taxadas como abusivos¹³¹, aqui é o momento de definirmos a proposta de

¹²⁹ Eis uma passagem da autobiografia de Nietzsche – “Ecce Homo”, que claramente mostra a sua relação com os assim chamados cientistas – “Uma outra astúcia e autodefesa consiste em reagir o menos possível e em subtrair-se a situações e condições em que alguém seria condenado a suspender de algum modo a sua ‘liberdade’, a sua iniciativa, e a tornar-se um simples órgão de reacção. Tomo como comparação o trato com os livros. O erudito, que no fundo ainda ‘folheia’ apenas livros – o filólogo com uma taxa média por dia de cerca de duzentos – acaba por perder inteiramente a capacidade de pensar por si. Se não folheia, também não pensa. Responde a um estímulo (– um pensamento lido), quando pensa em última análise, ainda simplesmente reage. O erudito despande toda a sua força em dizer sim e não, na crítica do que já foi pensado – pessoalmente, já não pensa... O instinto de autodefesa extenuou-se nele; caso contrário, pôr-se-ia em guarda contra os livros. O erudito – um decadent. Eis o que vi com os meus olhos: naturezas dotadas, de ricas e livres tendências, já aos trinta anos se tinham tornado uma ‘desgraça’ pela leitura, simples fósforos que, para produzirem faísca – ‘ideias’ –, carecem de fricção. – Ler um livro pela madrugada, ao romper do dia, em todo o vigor, na aurora da sua força – eis aquilo a que chamo vício!” (NIETZSCHE, F. *Ecce Homo*. In: **Coleção Textos Clássicos de Filosofia**, Covilhã, 2008).

¹³⁰ “Agora, meus discípulos, vou-me embora sozinho! Ide-vos, vós outros, sozinhos também! Assim o quero. Com toda a sinceridade vos dou este conselho: Afastai-vos de mim e precavei-vos contra Zarathustra! Melhor ainda: envergonhai-vos dele! Talvez vos haja enganado! O homem que reflexiona não só deve amar os seus inimigos, mas também odiar os seus amigos. Mal corresponde ao mestre aquele que nunca passa de discípulo. E por que não quereis arrancar a minha coroa?”

¹³¹ Neste sentido temos de mencionar que a exploração de Nietzsche pelo bolchevismo é um abuso muito maior do que o outro que vincula a sua filosofia com ideologias distantes ao seu pensamento, tais como o nacional-socialismo e o fascismo e ultimamente apresenta uma questão extremamente interessante que ainda não é totalmente esclarecida. Em sua obra “Homem revoltado”, Camus afirma o seguinte: “Na história da razão humana, com exceção de Marx, a aventura de Nietzsche não tem igual; jamais conseguiremos corrigir a injustiça feita a ele. A história, sem dúvida, conhece filosofias que foram distorcidas. Mas de Nietzsche e o nacional-socialismo não há outro exemplo, quando um pensamento, totalmente iluminado pela nobreza e sofrimento de uma alma extraordinária, fosse representado pelo mundo por um desfile de mentiras e enorme pilhas de cadáveres nos campos de concentração. A pregação do super-homem transformado em produção metódica de

releitura. Uma das causas dessas “releituras abusivas” sobre a filosofia de Nietzsche, como nota Jean Granier, enraíza-se na aplicação de métodos infrutíferos a sua herança. Ou dito de outra maneira, uma pesquisa cronológica dos textos de Nietzsche é indubitavelmente correta, mas também coloca a importância do caráter coerente de toda sua obra. O método histórico, que divide a sua filosofia em três períodos, suscita a impressão de que falta um princípio unitário. Outro método improdutivo é aquele que interpreta as suas obras como se fossem escritas simultaneamente. Para se evitar essa confusão, Granier propõe, para cada uma das concepções acerca de Nietzsche, a fim de ser corretamente interpretada, que se reconstrua o significado de cada uma das suas partes elementares, como também o vínculo com as restantes ideias e concepções do filósofo, sem perdermos de vista a identificação do determinado grau, no âmbito do qual o pensamento ascendente nietzschiano as elaborou. Como resultado, será produzido um comentário em forma de espiral que colhe e ordena em ordem hierárquica pensamentos múltiplos harmônicos ou conflitantes (GRANIER, 2000).

Através desse método correto de releitura de Nietzsche, podemos avaliar a diversidade e a mistura virtuosa de gêneros e imagens, a recusa de qualquer sistematicidade e argumentação lógica, que são o alvo principal da ironia nietzschiana. E o *pathos* do seu “filosofar” nasce justamente aqui, do *pathos* da vida e não da mitologia heroica das obras wagnerianas. Nesse contexto, a admiração de Nietzsche por Aristófanes é compreensível. Em vez de ser irônico sofisticado, ele é, como muitas vezes nota: um sincero palhaço, mas no sentido afirmativo desta palavra.

meio-humanos, eis o que deve ser denunciado, mas também decifrado”. (CAMUS, A. **O homem revoltado**, p. 89 Nota do tradutor).

REFERÊNCIAS

CAMUS, A. *O homem revoltado*. Rio de Janeiro: Record, 1996.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *O que é filosofia*. São Paulo: Ed. 34, 2010.

GRANIER, J. *Nietzsche*. Sofia. Ed. Odri, 2000.

NIETZSCHE, F. *Assim falou Zarathustra*. Ed. Companhia das letras, 2011.

_____. *Ecce Homo*. São Paulo: Cia. das Letras, 1995.

_____. *Crepúsculo dos ídolos*. São Paulo: Hemus, 1976.

_____. *Vontade de poder*. Eurasia, 1995.

_____. *Genealogia da moral*. São Paulo: Cia. das Letras, 2004.

_____. *Além do bem e do mal*. São Paulo: Cia. das Letras, 2003.